

KEN
FOLLETT

CONTAGEM
REGRESSIVA

TRÊS DIAS QUE PODERIAM MUDAR
O CENÁRIO POLÍTICO MUNDIAL



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NOTA HISTÓRICA

O lançamento do primeiro satélite espacial americano, o *Explorer I*, foi programado originalmente para 29 de janeiro de 1958, uma quarta-feira. No fim daquela tarde, o evento foi adiado para o dia seguinte. O motivo alegado foi o tempo. Observadores em Cabo Canaveral ficaram perplexos: era um perfeito dia ensolarado na Flórida. Mas o Exército argumentou que uma corrente de jato, um tipo de vento de alta altitude, tornava as condições desfavoráveis.

Na noite seguinte houve outro adiamento, com a mesma explicação.

Finalmente o lançamento foi executado na sexta-feira, 31 de janeiro.

“... desde seu início, em 1947, a CIA, Agência Central de Inteligência, gastou milhões de dólares num grande programa de pesquisa com o objetivo de descobrir drogas e outros métodos obscuros para colocar pessoas comuns, tanto voluntárias quanto involuntárias, sob controle total – para agir, falar e revelar os segredos mais preciosos, e até mesmo para esquecer quando orientadas a isso.”

THOMAS POWERS, na introdução de *The Search for the “Manchurian Candidate”*: *The CIA and Mind Control*, de John Marks

PARTE UM

O míssil Júpiter C está na plataforma de lançamento no Complexo 26, em Cabo Canaveral. Visando ao sigilo, está inteiramente coberto por uma lona enorme, com exceção da cauda, que é a do conhecido foguete Redstone, do Exército. Mas o resto dele, sob a capa, é bastante singular...

Ele acordou com medo.

Pior do que isso: estava aterrorizado. O coração batia forte, a respiração saía ofegante e o corpo estava rígido. Era como um pesadelo, só que o despertar não havia trazido nenhum alívio. Sentia que algo pavoroso tinha acontecido, mas não fazia ideia do que podia ser.

Abriu os olhos. Uma luz fraca vinda de outro cômodo iluminava vagamente o ambiente e ele percebia formas indistintas, familiares porém sinistras. Em algum lugar ali perto corria água numa cisterna.

Tentou se acalmar. Engoliu em seco, respirou devagar e procurou pensar direito. Encontrava-se deitado num chão duro. Sentia frio, o corpo inteiro doía e ele estava com uma espécie de ressaca: dor de cabeça, boca seca e enjoo.

Sentou-se, tremendo de medo. Distinguiu um cheiro desagradável de piso úmido lavado com desinfetante forte. Reconheceu a silhueta de uma fileira de pias.

Estava num banheiro público.

Sentiu nojo. Estivera dormindo no chão de um banheiro masculino. Que diabo havia acontecido com ele? Concentrou-se. Estava totalmente vestido, usando uma espécie de sobretudo e botas pesadas, mas tinha a sensação de que as roupas não eram suas. O pânico aos poucos diminuiu, mas foi substituído por um medo mais profundo, menos histérico porém muito mais racional. O que acontecera com ele era bastante ruim.

Precisava de luz.

Levantou-se. Olhou em volta, espiando na penumbra, e imaginou onde deveria ficar a porta. Mantendo os braços à frente, para o caso de haver obstáculos invisíveis, foi até uma parede. Depois andou de lado feito um caranguejo, as mãos explorando. Encontrou uma superfície fria de vidro que supôs ser um espelho, e em seguida havia um toalheiro e uma caixa de metal que podia ser

uma máquina de vendas automática. Por fim as pontas dos dedos tocaram um interruptor e ele o acendeu.

Uma luz forte inundou as paredes de ladrilhos brancos, o piso de concreto e uma fileira de toaletes com a porta aberta. Perguntou-se como teria chegado ali. Concentrou-se. O que havia acontecido na noite anterior? Não conseguia lembrar.

O medo histérico começou a retornar quando percebeu que *não conseguia se lembrar de nada*.

Trincou os dentes para não gritar. Ontem. Anteontem... nada. Qual era seu nome? Não sabia.

Virou-se para a fileira de pias. Acima delas havia um espelho comprido. Pelo reflexo viu um mendigo imundo, com roupas esfarrapadas, cabelo desgrenhado, rosto sujo e olhos insanos, esbugalhados. Encarou o homem durante um segundo, depois foi tomado por uma revelação terrível. Recuou com um grito de choque e a imagem no espelho fez a mesma coisa. O mendigo era ele.

Não conseguiu mais conter a maré de pânico. Abriu a boca e, numa voz trêmula de horror, gritou: “Quem sou eu?”

•••

O monte de roupas velhas se mexeu. Quando rolou com a barriga para cima, um rosto surgiu e uma voz murmurou:

– Você é um vagabundo, Luke, pare de gritar.

Seu nome era Luke.

Sentiu uma gratidão patética pela informação. Um nome não era grande coisa, mas lhe dava um foco. Olhou para o homem. O sujeito usava um paletó de tweed rasgado, com um pedaço de barbante em volta da cintura, fazendo as vezes de cinto. O rosto jovem e imundo tinha uma expressão astuta. O homem esfregou os olhos e murmurou:

– Minha cabeça está doendo.

– Quem é você? – perguntou Luke.

– Sou o Pete, seu retardado, não está vendo?

– Não consigo... – Luke engoliu em seco, contendo o pânico. – Perdi a memória!

– Não estou nem um pouco surpreso. Ontem você entornou quase uma garrafa inteira. É um milagre não ter perdido a cabeça inteira, e não só a memória. – Pete lambeu os lábios. – Não consegui beber quase nada daquele maldito bourbon.

O bourbon explicava a ressaca, pensou Luke.

– Mas por que eu beberia uma garrafa inteira?

Pete riu, sarcástico.

– Essa deve ser a pergunta mais idiota que eu já ouvi. Para ficar de porre, é claro!

Luke ficou aterrorizado. Ele era um mendigo bêbado que dormia em banheiros públicos.

Estava com uma sede atroz. Curvou-se sobre uma pia, deixou a água fria correr e bebeu direto da torneira. Isso o fez se sentir melhor. Enxugou a boca e se obrigou a se olhar de novo no espelho.

Agora o rosto estava mais calmo. O olhar louco havia sumido, substituído por uma expressão de perplexidade e consternação. O reflexo mostrava um homem beirando os 40 anos, com cabelo preto e olhos azuis. Não era barbudo – tinha só os pelos cerrados de vários dias sem se barbear.

Virou-se de volta para o outro homem.

– Luke do quê? – perguntou. – Qual é o meu sobrenome?

– Luke... não sei das quantas. Como é que eu vou saber?

– Como foi que eu fiquei assim? Há quanto tempo isso está acontecendo? Por que aconteceu?

Pete se levantou e disse:

– Preciso de um café da manhã.

Luke percebeu que estava com fome. Imaginou se teria algum dinheiro. Examinou os bolsos do sobretudo, do casaco, das calças. Todos vazios. Não tinha dinheiro, nem carteira, nem mesmo um lenço. Nenhum bem, nenhuma pista.

– Acho que estou falido – comentou.

– Não diga – retrucou Pete, sarcástico. – Vamos. – Então passou por uma porta.

Luke foi atrás.

Quando saiu à luz, sofreu outro choque. Estava num templo enorme, vazio e silencioso feito um túmulo. Havia bancos de mogno enfileirados no piso de mármore, como assentos de igreja esperando uma congregação de fantasmas. No salão enorme, sobre um lintel alto de pedra sustentado por várias colunas, surreais guerreiros de pedra com elmos e escudos protegiam o lugar sagrado. Lá no alto, o teto em abóbada era enfeitado ricamente com octógonos folheados a ouro. Pela mente de Luke passou o pensamento insano de que ele havia sido a vítima de um sacrifício num ritual estranho que o deixara sem memória.

Perplexo, perguntou:

– Que lugar é este?

– A Union Station, Washington, D.C.

Um relé foi acionado na mente de Luke e aquilo tudo fez sentido. Aliviado, viu a sujeira nas paredes, os chicletes pisados no chão e os papéis de bala e maços de cigarros vazios nos cantos, e sentiu-se um idiota. Estava numa grandiosa estação de trem, de manhã cedo, antes que ela fosse invadida por passageiros. Tinha ficado em pânico como uma criancinha que imagina monstros num quarto escuro.

Pete foi até um arco triunfal onde estava escrito “Saída”, e Luke seguiu-o rapidamente.

Uma voz agressiva gritou:

– Ei! Ei, vocês aí!

– Ops – disse Pete, acelerando o passo.

Um homem atarracado, com uniforme da ferroviária justo no corpo, partiu para cima deles cheio de indignação.

– De onde vocês saíram, seus vagabundos?

– A gente já está indo, a gente já está indo – choramingou Pete.

Luke sentiu-se humilhado por ser expulso de uma estação de trem por um funcionário gordo.

O sujeito não se contentou em simplesmente se livrar deles.

– Vocês estavam dormindo aqui, não estavam? – resmungou, seguindo-os de perto. – Sabem muito bem que isso não é permitido.

Luke sentiu raiva por ser repreendido como se fosse um adolescente, mesmo imaginando que provavelmente era merecido. Ele *tinha* dormido na porcaria do banheiro. Conteve uma resposta agressiva e andou mais depressa.

– Isso aqui não é um albergue – continuou o sujeito. – Mendigos desgraçados, deem o fora daqui! – E empurrou o ombro de Luke.

Luke se virou de repente e confrontou o sujeito.

– Não toque em mim – disparou. Ficou surpreso com a ameaça tranquila na própria voz. O homem parou imediatamente. – Já estamos saindo, então não precisa fazer nem dizer mais nada, entendeu?

O sujeito deu um grande passo para trás, parecendo amedrontado.

Pete segurou o braço de Luke.

– Vamos.

Luke ficou envergonhado. O sujeito era um idiota intrometido, mas ele e Pete eram dois vagabundos, e um funcionário da estação tinha o direito de expulsá-los dali. Luke não tinha nada que intimidá-lo.

Passaram pelo arco majestoso. Estava escuro lá fora. Havia alguns carros

parados em volta da pista circular na frente da estação, mas as ruas estavam silenciosas. O ar estava frio e cortante e Luke pressionou as roupas maltrapilhas em volta do corpo. Era inverno, uma manhã gelada em Washington, talvez janeiro ou fevereiro.

Imaginou que ano seria.

Pete virou à esquerda, aparentemente sabendo aonde estava indo. Luke foi atrás.

– Para onde estamos indo? – perguntou.

– Conheço uma igreja na H Street onde a gente pode conseguir café da manhã de graça, desde que você não se importe em cantar um hino ou dois.

– Estou morrendo de fome, cantaria um oratório inteiro.

Pete seguiu confiante por uma rota em zigue-zague através de um bairro de classe baixa. A cidade ainda não havia acordado. As casas estavam escuras e as lojas fechadas, assim como os restaurantes de quinta categoria e as bancas de jornais. Olhando de relance para uma janela de um quarto com cortinas baratas, Luke imaginou um homem lá dentro, dormindo profundamente sob uma pilha de cobertores, com uma mulher de corpo quente ao lado, e sentiu uma pontada de inveja. Parecia que seu lugar era ali fora, junto com os homens e mulheres que acordavam antes do amanhecer e se atreviam a encarar as ruas frias enquanto as pessoas comuns dormiam: o homem com roupas de trabalho se arrastando para o emprego; o jovem em sua bicicleta, com cachecol e luvas; a mulher solitária fumando no interior iluminado de um ônibus.

Sua mente fervilhava com perguntas ansiosas. Fazia quanto tempo que era um bêbado? Já teria tentado parar de beber? Tinha algum parente que poderia ajudá-lo? Onde havia conhecido Pete? Onde conseguiram a bebida? Onde tinham bebido? Mas Pete estava com um humor taciturno e Luke conteve a impaciência, esperando que o sujeito desse mais informações quando estivesse com a barriga cheia.

Chegaram a uma pequena igreja que se erguia desafiadoramente entre um cinema e uma tabacaria. Entraram por uma porta lateral e desceram um lance de escada até o porão. Luke se viu numa sala comprida com teto baixo – a cripta, supôs. Numa extremidade viu um piano de armário e um pequeno púlpito; na outra, um fogão. Entre os dois havia três mesas de cavalete enfileiradas. Três mendigos estavam sentados no banco de cada uma, encarando o nada pacientemente. Na área da cozinha uma mulher gorda mexia algo numa panela grande. Ao lado dela, um homem de barba grisalha usando um colarinho clerical ergueu o olhar de uma garrafa de café e sorriu.

– Venham, venham! – disse, animado. – Venham se aquecer.

Luke o olhou com cautela, imaginando se o sujeito era de verdade.

Ali estava mesmo quente, até um pouco sufocante depois do ar gelado lá fora. Luke desabotoou o casaco imundo.

– Bom dia, pastor Loneyan – cumprimentou Pete.

– Você já veio aqui? – perguntou o pastor. – Esqueci o seu nome.

– Eu me chamo Pete. Ele é o Luke.

– Dois discípulos! – A cordialidade dele parecia genuína. – A comida ainda não está pronta, mas temos café fresquinho.

Luke se perguntou como Loneyan mantinha a animação quando precisava acordar tão cedo para servir o café da manhã a um monte de parasitas catatônicos.

O pastor serviu o café em canecas grossas.

– Leite e açúcar?

Luke não sabia se gostava de leite e açúcar no café.

– Sim, obrigado – disse.

Pegou a caneca da mão do homem e tomou um gole da bebida. Tinha um gosto enjoativamente cremoso e doce. Imaginou que devia tomar puro. Mas o café com leite aplacou a fome e ele bebeu tudo bem rápido.

– Faremos uma oração daqui a pouco – disse o pastor. – Quando terminarmos, o famoso mingau de aveia da Sra. Loneyan estará pronto e delicioso.

Luke decidiu que sua desconfiança era infundada. O pastor Loneyan era o que parecia: um sujeito animado que gostava de ajudar as pessoas.

Luke e Pete se sentaram à mesa rústica de tábuas. Luke examinou seu acompanhante. Até o momento tinha notado apenas o rosto sujo e as roupas maltrapilhas. Agora viu que Pete não tinha nenhuma das marcas de alguém que tivesse o costume de beber muito: nenhuma veia estourada, nem a pele seca e descamada, nem qualquer ferida ou hematoma. Talvez fosse jovem demais – devia ter uns 25 anos, supôs. Mas Pete era ligeiramente desfigurado. Tinha uma marca de nascença vermelho-escuro que descia da orelha direita até o maxilar. Os dentes eram irregulares e amarelos. Havia deixado crescer o bigode preto provavelmente para afastar a atenção dos dentes ruins, na época em que ainda se importava com a aparência. Luke percebeu nele uma raiva reprimida. Achou que Pete se ressentia do mundo, talvez por tê-lo tornado feio, talvez por algum outro motivo. Provavelmente tinha uma teoria de que o país estava sendo arruinado por algum grupo que ele odiava: imigrantes chineses ou negros subindo na vida, ou um grupo sinistro de dez homens ricos que controlavam em segredo a Bolsa de Valores.

– O que você está olhando? – perguntou Pete.

Luke deu de ombros e não respondeu. Na mesa havia um jornal dobrado na seção de palavras cruzadas e um toco de lápis. Olhou distraidamente para o jogo, pegou o lápis e começou a preencher as respostas.

Mais mendigos chegaram. A Sra. Lonegan pegou uma pilha de tigelas pesadas e um monte de colheres. Luke preencheu todas as palavras do jogo, menos uma: “Povoado na Dinamarca”, seis letras. O pastor Lonegan olhou por cima do ombro dele para o jogo preenchido, ergueu as sobrancelhas com surpresa e disse baixinho para a esposa:

– Ah, que mente brilhante perdida!

Luke decifrou imediatamente a última pista – Hamlet – e a escreveu. Depois pensou: Como é que eu sabia disso?

Desdobrou o jornal e olhou a primeira página, procurando a data. Quarta-feira, 29 de janeiro de 1958. Seu olhar foi atraído pela manchete: LUA DOS EUA PERMANECE EM TERRA. Leu:

Cabo Canaveral, terça-feira. A Marinha dos EUA abandonou hoje a segunda tentativa de lançar seu foguete espacial, Vanguard, depois de inúmeros problemas técnicos.

A decisão foi tomada dois meses depois de o lançamento do primeiro Vanguard terminar numa humilhação retumbante, com o foguete explodindo dois segundos depois da ignição.

As esperanças norte-americanas de lançar um satélite artificial que rivalize com o Sputnik soviético agora estão no míssil Júpiter, do Exército.

O piano emitiu um acorde estridente e Luke levantou os olhos. A Sra. Lonegan estava tocando a introdução de um hino familiar. Ela e o marido começaram a entoar “Em Jesus amigo temos” e Luke cantou junto, satisfeito por ser capaz de lembrar a letra.

O bourbon tinha um efeito estranho, pensou. Ele era capaz de resolver palavras cruzadas e cantar um hino de cor, mas não sabia o nome da própria mãe. Talvez estivesse bebendo havia vários anos e tivesse danificado o cérebro. Imaginou como podia ter deixado algo assim acontecer.

Depois do hino, o pastor Lonegan leu alguns versículos da Bíblia, em seguida disse a todos ali que eles podiam ser salvos. Aquele era um grupo que precisava mesmo de salvação, pensou Luke. Mesmo assim, não se sentiu tentado a pôr a fé em Jesus. Primeiro precisava descobrir quem ele próprio era.

O pastor improvisou uma oração e todos cantaram um hino de agradecimen-

to. Em seguida os homens fizeram fila e a Sra. Lonegan serviu-lhes mingau de aveia quente com xarope. Luke tomou três tigelas. Depois sentiu-se muito melhor. A ressaca estava passando depressa.

Impaciente para retomar as perguntas, aproximou-se do pastor.

– O senhor já me viu antes? Eu perdi a memória.

Lonegan encarou-o com um olhar profundo.

– Sabe, acho que não. Mas toda semana eu conheço centenas de pessoas, então posso estar enganado. Quantos anos você tem?

– Não sei – respondeu Luke, sentindo-se um idiota.

– Pouco menos de 40, eu diria. Você não vive na rua há muito tempo. Isso cobra um preço da pessoa. Mas você anda com passo firme, a sujeira ainda não está agarrada à sua pele e você ainda está alerta a ponto de resolver um jogo de palavras cruzadas. Pare de beber agora e poderá levar uma vida normal de novo.

Luke se perguntou quantas vezes o pastor teria dito isso.

– Vou tentar – prometeu.

– Se precisar de ajuda, é só pedir.

Um rapaz que parecia ter problemas mentais estava dando tapinhas insistentes no braço de Lonegan, e ele se virou para o sujeito com um sorriso paciente.

Luke perguntou a Pete:

– Há quanto tempo você me conhece?

– Não sei, você apareceu por aí há um tempo.

– Onde nós estávamos anteontem à noite?

– Relaxa, está bem? Sua memória vai voltar mais cedo ou mais tarde.

– Preciso descobrir de onde eu vim.

Pete hesitou.

– O que a gente precisa é de uma cerveja. Ajuda a pensar direito. – E se virou para a porta.

Luke segurou o braço dele.

– Não quero beber – disse em tom decidido. Parecia que Pete não queria que ele investigasse seu passado. Talvez tivesse medo de perder um companheiro. Bom, era uma pena. Luke tinha coisas mais importantes do que fazer companhia a Pete. – Na verdade, acho que quero ficar um pouco sozinho.

– Quem você é? Greta Garbo?

– Estou falando sério.

– Você precisa de mim para tomar conta de você. Você não consegue se virar sozinho. Diabos, você nem lembra a própria idade...

Pete tinha uma expressão desesperada, mas Luke não cedeu.

– Agradeço a preocupação, mas você não está me ajudando a descobrir quem eu sou.

Depois de um momento, Pete deu de ombros.

– Tudo bem. – E se virou de novo para a porta. – Talvez a gente se veja por aí.

– Talvez.

Pete saiu. Luke apertou a mão do pastor Lonegan.

– Obrigado por tudo – disse.

– Espero que você ache o que está procurando – respondeu o pastor.

Luke subiu a escada e saiu para a rua. Pete estava no quarteirão seguinte, falando com um homem de capa de gabardine verde com gorro da mesma cor – pedindo dinheiro para uma cerveja, supôs Luke. Foi na direção oposta e virou na primeira esquina.

Ainda estava escuro. Seus pés estavam frios e ele percebeu que não estava de meia. Enquanto apertava o passo, a neve começou a cair, fraca. Depois de alguns minutos, diminuiu o ritmo. Não havia motivo para ter pressa. Não faria diferença andar rápido ou devagar. Parou e se abrigou junto a uma porta.

Não tinha aonde ir.

O foguete é cercado em três lados por uma torre móvel que o sustenta num abraço de aço. A torre, na verdade uma estrutura de perfuração de petróleo convertida, é montada sobre dois conjuntos de rodas que correm em trilhos de bitola larga. Toda essa estrutura, maior do que uma casa grande, será empurrada para trás por 100 metros antes do lançamento.

Elspeth acordou preocupada com Luke.

Continuou deitada por alguns instantes, o coração pesado de preocupação pelo homem que amava. Depois acendeu o abajur ao lado da cama e se sentou.

O quarto de hotel era decorado com um tema do programa espacial. O abajur tinha a forma de um foguete e os quadros nas paredes mostravam planetas, luas crescentes e caminhos orbitais num céu noturno loucamente irreal. O Starlite era um dos novos hotéis baratos que tinham brotado em meio às dunas de Cocoa Beach, na Flórida, 12 quilômetros ao sul de Cabo Canaveral, para acomodar a grande quantidade de visitantes. O decorador obviamente tinha achado adequado o tema espacial, mas isso fazia Elspeth se sentir no quarto de um menino de 10 anos.

Pegou o telefone ao lado da cama e ligou para o escritório de Anthony Carroll, em Washington, D.C. Ninguém atendeu. Tentou o número da casa dele e nada aconteceu. Será que algo tinha dado errado? Sentiu-se nauseada de medo. Disse a si mesma que Anthony devia estar a caminho do escritório. Ligaria de novo em meia hora. Ele não ia levar mais do que esse tempo para chegar ao trabalho de carro.

Enquanto tomava banho, pensou em Luke e em Anthony, em quando os conhecera. Antes da guerra, os dois estudavam em Harvard e ela em Radcliffe. Ambos faziam parte do Glee Club de Harvard – Luke tinha uma bonita voz de barítono e Anthony era um tenor fantástico. Elspeth era maestrina da Sociedade Coral de Radcliffe e tinha organizado um concerto conjunto com o Glee Club.

Melhores amigos, Luke e Anthony formavam uma dupla curiosa. Os dois eram altos e atléticos, mas as semelhanças terminavam aí. As garotas de Radcliffe chamavam-nos de a Bela e a Fera. Luke era a Bela, com o cabelo preto ondulado e as roupas elegantes. Anthony, com seu nariz grande e o queixo comprido, não

era bonito, e parecia estar sempre usando o terno de outra pessoa, mas as mulheres eram atraídas por sua energia e seu entusiasmo.

Elspeth terminou rápido seu banho. Vestiu o roupão e sentou-se à penteadeira para se maquiar. Pôs o relógio de pulso ao lado do delineador, para ver quando já tivesse se passado meia hora.

Na primeira vez em que falara com Luke, também estava sentada diante de uma penteadeira, usando um roupão. Fora durante um trote na faculdade. Um grupo de rapazes de Harvard, alguns bêbados, tinha entrado no prédio do alojamento feminino por uma janela do térreo, tarde da noite, para roubar calcinhas. Agora, quase vinte anos depois, parecia incrível que ela e as outras garotas não houvessem temido nada pior do que ter as calcinhas roubadas. Será que naquela época o mundo era mais inocente?

Por acaso, Luke havia entrado em seu quarto. Fazia faculdade de matemática, como ela. Apesar de ele estar usando uma máscara, ela reconheceu as roupas – um paletó de tweed irlandês cinza-claro com um lenço de algodão de bolinhas vermelhas no bolso do peito. Assim que ficou sozinho com ela, Luke pareceu sem graça, como se tivesse acabado de lhe ocorrer que o que estava fazendo era uma idiotice. Ela sorriu, apontou para o armário e disse:

– Gaveta de cima.

Ele pegou uma calcinha branca bonita, com acabamento em renda, e Elspeth sentiu uma pontada de arrependimento – a peça tinha sido cara. Mas no dia seguinte ele a convidou para sair.

Tentou se concentrar na maquiagem. Estava mais difícil naquela manhã, porque ela tinha dormido mal. A base unificou as bochechas e o batom rosa clarinho iluminou a boca. Era formada em matemática pela Radcliffe, mas no trabalho ainda esperavam que ela se parecesse com uma modelo.

Escovou o cabelo castanho-avermelhado, cortado de acordo com a moda: comprimento até o queixo, com as pontas viradas para dentro. Colocou rapidamente um vestido cinturado de algodão, sem mangas, com listras vermelhas e marrons, e um cinto de couro marrom-escuro.

Vinte e nove minutos haviam transcorrido desde que tentara ligar para Anthony.

Para esperar passar o último minuto, pensou no número 29. Era um número primo – divisível apenas por si mesmo e por 1 –, mas fora isso não era muito interessante. A única coisa incomum nele era que $29 + 2x^2$ era primo para qualquer valor de x até 28. Calculou a série na cabeça: 29, 31, 37, 47, 61, 79, 101, 127...

Pegou o telefone e ligou de novo para o escritório de Anthony.

Ninguém atendeu.

Elspeth Twomey se apaixonou por Luke na primeira vez em que ele a beijou. A maioria dos rapazes de Harvard não tinha ideia de como beijar. Ou esfolavam os lábios da garota com uma esfregação brutal ou abriam tanto a boca que a garota se sentia uma dentista. Quando Luke a beijou, às cinco para a meia-noite, nas sombras do alojamento de Radcliffe, foi ardente mas gentil. Os lábios dele se moviam o tempo todo, não apenas na boca, mas também nas bochechas, nas pálpebras e no pescoço. A ponta da língua sondava suavemente entre os lábios dela, pedindo permissão para entrar, e ela nem fingiu que hesitava. Depois, sentada em seu quarto, Elspeth se olhou no espelho e sussurrou para o reflexo: “Acho que o amo.”

Isso havia acontecido seis longos meses antes, e desde então o sentimento tinha ficado mais forte. Agora ela via Luke quase todo dia. Os dois estavam no último ano. Todo dia se encontravam para almoçar ou estudavam juntos durante algumas horas. Nos fins de semana, ficavam quase o tempo inteiro juntos.

Não era incomum que as garotas de Radcliffe fossem noivas no último ano, fosse de um rapaz de Harvard ou de um jovem professor. Então se casavam no verão, tinham uma longa lua de mel e se mudavam para um apartamento quando voltavam. Começavam a trabalhar e um ano depois davam à luz o primeiro bebê.

Mas Luke nunca havia falado em casamento.

Ela o fitou agora, sentado num reservado nos fundos do bar Flanagan's, discutindo com Bern Rothsten, um aluno da pós-graduação alto, com um farto bigode preto e olhar obstinado. O cabelo preto de Luke ficava caindo nos olhos e ele o colocava para trás com a mão esquerda, um gesto familiar. Quando fosse mais velho e tivesse um emprego responsável, usaria brilhantina para que a mecha ficasse no lugar, e então não seria tão charmoso, pensou ela.

Bern era comunista, como muitos alunos e professores de Harvard.

– Seu pai é banqueiro – disse ele a Luke com desdém. – Você também vai ser banqueiro. Claro que acha o capitalismo uma coisa fantástica.

Elspeth viu o pescoço de Luke ficar vermelho. O pai dele aparecera recentemente num artigo da revista *Time* como um dos dez homens que tinham ficado milionários desde a Grande Depressão. Porém ela supôs que ele se incomodara não por ser um garoto rico, mas porque gostava da família e se ressentia da crítica implícita ao pai. Elspeth sentiu raiva por ele e reagiu indignada:

– Nós não julgamos as pessoas pelos pais delas, Bern!

– De qualquer modo – disse Luke –, ser banqueiro é um trabalho digno. Os banqueiros ajudam as pessoas a abrir empresas e a gerar empregos.

– Como fizeram em 1929.

– Eles cometem erros. Às vezes ajudam as pessoas erradas. Soldados também cometem erros e atiram nas pessoas erradas, e eu não acuso você de ser um assassino.

Foi a vez de Bern parecer magoado. Ele tinha lutado na Guerra Civil Espanhola – era três ou quatro anos mais velho do que os outros –, e agora Elspeth achou que ele devia estar se lembrando de algum erro trágico.

– De qualquer modo, não pretendo ser banqueiro – acrescentou Luke.

Peg, a namorada deselegante de Bern, inclinou-se para a frente, interessada. Como Bern, ela era intensa nas convicções, mas não tinha a língua sarcástica dele.

– O que você quer ser, então?

– Cientista.

– De que tipo?

Luke apontou para cima.

– Quero explorar além do nosso planeta.

Bern deu uma risada de escárnio.

– Foguetes! Que fantasia de criança...

Elspeth saiu de novo em defesa de Luke:

– Corta essa, Bern, você não sabe do que está falando.

Bern estudava literatura francesa.

Mas Luke não pareceu incomodado. Talvez estivesse acostumado a rirem do seu sonho.

– Acho que isso vai acontecer – declarou. – E digo mais: acredito que a ciência fará mais pelas pessoas comuns do que o comunismo.

Elspeth se encolheu. Amava Luke, mas sentia que ele era ingênuo em relação à política.

– Os benefícios da ciência são restritos à elite privilegiada – disse a ele. – Simples assim.

– Não é verdade – retrucou Luke. – Os navios a vapor tornam melhor tanto a vida dos marinheiros quanto a dos passageiros.

– Você já esteve na sala de máquinas de um navio transatlântico? – perguntou Bern.

– Já, e ninguém estava morrendo de escorbuto.

Uma figura alta projetou uma sombra na mesa.

– Vocês têm idade suficiente para consumir bebidas alcoólicas?

Era Anthony Carroll, usando um terno de sarja azul com o qual parecia ter dormido. A garota que estava com ele era tão impressionante que Elspeth soltou um murmúrio involuntário de surpresa. Era uma jovem pequena e elegante com um casaquinho vermelho e uma saia preta rodada, os cachos escuros escapando de baixo de um chapeuzinho vermelho com aba.

– Esta é Billie Josephson – disse Anthony.

– Você é judia? – perguntou Bern Rothsten.

A garota ficou espantada com uma pergunta tão direta.

– Sou.

– Então pode se casar com o Anthony, mas não pode entrar para o country club dele.

– Não sou sócio de nenhum country club – protestou Anthony.

– Vai ser, Anthony, vai ser – retrucou Bern.

Luke se levantou para apertar a mão dela, bateu com a coxa na mesa e derrubou um copo. Ele não costumava ser tão desajeitado, e Elspeth percebeu, com uma pontada de irritação, que ele ficara fascinado pela Srta. Josephson.

– Estou surpreso – disse ele, dando seu sorriso mais charmoso. – Quando Anthony falou que ia sair com uma garota chamada Billie, imaginei alguém com mais de 1,80 metro e corpo de lutador.

Billie riu e deslizou para o reservado, ao lado de Luke.

– Meu nome é Bilhah – disse. – É bíblico. Bila foi aia de Raquel e mãe de Dã. Mas fui criada em Dallas, onde me chamavam de Billie-Jo.

Anthony sentou-se ao lado de Elspeth e disse baixinho:

– Ela não é linda?

Billie não era exatamente linda, pensou Elspeth. Tinha rosto estreito, nariz afilado e olhos grandes, intensos, castanho-escuros. O que era deslumbrante era o conjunto: o batom vermelho, o ângulo do chapéu, o sotaque do Texas e, acima de tudo, a animação. Enquanto conversava com Luke, contando alguma história sobre os texanos, sorriu, franziu a testa e expressiu todo tipo de emoções através de seus gestos.

– Ela é bonitinha – disse Elspeth. – Não sei por que nunca a vi antes.

– Billie trabalha o tempo todo, não vai a muitas festas.

– E como você a conheceu?

– Ela me chamou a atenção no museu Fogg. Estava usando um casaco verde com botões de latão e uma boina. Achei que parecia um soldadinho de chumbo recém-saído da caixa.

Billie não era nenhum brinquedinho, pensou Elspeth. Era mais perigosa do que isso. Billie riu de alguma coisa que Luke havia dito e deu um tapinha no braço dele, fingindo que ralhava. Era um gesto de puro flerte, pensou Elspeth. Irritada, interrompeu-os e perguntou a Billie:

– Está planejando violar o toque de recolher esta noite?

As garotas de Radcliffe deviam estar de volta a seu alojamento às dez horas. Podiam conseguir permissão para chegar mais tarde, mas precisavam colocar o nome num caderno, com detalhes do lugar aonde planejavam ir e a que horas voltariam. E a hora do retorno era sempre verificada. Mas eram mulheres inteligentes, e as regras complexas apenas as inspiravam a criar invenções engenhosas.

– Supostamente estou passando a noite com uma tia que veio me visitar e está numa suíte no Ritz. Qual é a sua história?

– Não tenho história nenhuma, só uma janela do térreo que vai ficar aberta a noite toda.

– Na verdade vou ficar com uns amigos do Anthony em Fenway – disse Billie, baixando a voz.

Anthony pareceu sem graça.

– Um pessoal que minha mãe conhece e que tem um apartamento grande – explicou a Elspeth. – Não me venha com esse olhar antiquado, eles são totalmente respeitáveis.

– Espero que sim – reagiu Elspeth, recatada, e teve a satisfação de ver Billie ficar ruborizada. Virando-se para Luke, disse: – Querido, a que horas é o filme?

Ele olhou seu relógio.

– Precisamos ir.

Luke tinha pegado um carro emprestado para o fim de semana. Era um automóvel de dois lugares, um Ford Modelo A, com 10 anos de idade, a forma alta parecendo antiquada ao lado dos carros baixos do início dos anos 1940.

Luke manobrava o veículo com habilidade, obviamente se divertindo. Foram para Boston. Elspeth se perguntou se não tinha sido má com Billie. Talvez um pouco, decidiu, mas não iria derramar nenhuma lágrima por isso.

Foram assistir ao filme mais recente de Alfred Hitchcock, *Suspeita*, no cinema Loew State. No escuro, Luke passou o braço em volta de Elspeth e ela encostou a cabeça no ombro dele. Ela achou uma pena terem escolhido um filme sobre um casamento desastroso.

Por volta de meia-noite, voltaram a Cambridge. Saíram na Memorial Drive e estacionaram de frente para o rio Charles, do lado da casa de barcos. O carro não

tinha aquecimento, e Elspeth levantou a gola de pele de seu casaco e se encostou em Luke para se esquentar.

Falaram do filme. Elspeth achava que na vida real a personagem de Joan Fontaine, uma jovem reprimida criada por pais rígidos, jamais se sentiria atraída pelo rapaz irresponsável interpretado por Cary Grant.

– Mas foi por isso que ela se apaixonou por ele: porque ele era perigoso – disse Luke.

– As pessoas perigosas são atraentes?

– Sem dúvida.

Elsbeth se virou de costas para ele e olhou o reflexo da lua na superfície inquietada da água. Billie Josephson era perigosa, pensou.

Luke sentiu a irritação dela e mudou de assunto.

– Hoje à tarde o professor Davies me disse que posso fazer o mestrado aqui mesmo em Harvard, se quiser.

– Por que ele disse isso?

– Eu comentei que esperava ir para Columbia. Ele falou: “Para quê? Fique aqui!” Expliquei que minha família mora em Nova York e ele comentou: “Família. Bah!” Assim. Como se eu não pudesse ser um matemático sério se quisesse ficar perto da minha irmã mais nova.

Luke era o mais velho de quatro irmãos. Sua mãe era francesa. O pai a havia conhecido em Paris no fim da Primeira Guerra Mundial. Elspeth sabia que Luke gostava dos dois irmãos adolescentes e era louco pela irmã de 11 anos.

– O professor Davies é um solteirão – comentou ela. – Vive para o trabalho.

– Você já pensou em fazer mestrado?

O coração de Elspeth quase parou.

– Eu deveria?

Será que Luke estava pedindo que ela fosse para Columbia com ele?

– Você é uma matemática melhor do que a maioria dos homens de Harvard.

– Sempre quis trabalhar para o Departamento de Estado.

– Isso implicaria morar em Washington.

Elsbeth tinha certeza de que Luke não planejava aquela conversa. Ele só estava pensando em voz alta. Era típico dos homens falar sem ter pensado antes sobre questões que afetariam toda a vida deles. Mas Luke parecia consternado com a possibilidade de os dois se mudarem para cidades diferentes. A solução do dilema devia ser tão óbvia para ele quanto era para ela, pensou, feliz.

– Você já se apaixonou? – perguntou ele de repente. Percebendo que tinha

sido brusco, acrescentou: – É uma questão muito pessoal, não tenho o direito de perguntar.

– Tudo bem – disse Elspeth. Sempre que ele quisesse falar sobre amor, ela não se incomodaria. – Na verdade, já me apaixonei. – Elspeth encarou-o à luz do luar e gostou de ver a sombra do desagrado perpassar a expressão dele. – Quando eu tinha 17 anos, houve uma disputa nas metalúrgicas de Chicago. Eu era muito politizada naquele tempo. Queria ajudar, como voluntária, levando recados e fazendo café. Trabalhei para um jovem coordenador chamado Jack Largo e me apaixonei por ele.

– E ele por você?

– Por Deus, não. Ele tinha 25 anos, me considerava uma criança. Era gentil comigo, e charmoso, mas era assim com todo mundo. – Ela hesitou. – Mas uma vez ele me beijou. – Ela se perguntou se deveria contar isso a Luke, mas queria desabafar. – Nós estávamos sozinhos na sala dos fundos, encaixotando panfletos, e eu disse uma coisa engraçada. Nem lembro o que era. Ele falou: “Você é uma preciosidade, Ellie.” Chamava todo mundo por apelidos. Sem dúvida trataria você como Lou. Depois me deu um beijo, bem na boca. Quase morri de alegria. Mas ele simplesmente continuou encaixotando os panfletos como se nada tivesse acontecido.

– Acho que ele se apaixonou por você.

– Talvez.

– Você ainda tem contato com ele?

Ela balançou a cabeça.

– Ele morreu.

– Tão jovem!

– Foi assassinado. – Ela lutou contra lágrimas súbitas. A última coisa que queria era que Luke pensasse que ainda estava apaixonada pela lembrança de Jack. – Dois policiais fora de serviço, contratados pela metalúrgica, pegaram Jack num beco e o espancaram com barras de ferro até a morte.

– Meu Deus! – Luke a encarou.

– Todo mundo na cidade sabia quem tinha feito aquilo, mas ninguém foi preso. Ele segurou a mão dela.

– Já li sobre esse tipo de coisa nos jornais, mas nunca pareceu real.

– É real. As fábricas precisam continuar funcionando. Qualquer um que atrapalhe tem que ser tirado do caminho.

– Você faz parecer que as indústrias não são melhores do que o crime organizado.

– Não vejo grande diferença. Mas não me envolvo mais. Aquilo bastou. – Luke tinha começado a falar sobre amor, mas, idiotamente, ela havia levado a conversa para a política. Voltou atrás. – E você? Já se apaixonou?

– Não tenho certeza – respondeu ele, hesitante. – Acho que não sei o que é amor.

Era uma típica resposta masculina. Depois ele a beijou e ela relaxou.

Elspeth gostava de tocá-lo com as pontas dos dedos quando se beijavam, acariciando as orelhas e a linha do maxilar, o cabelo e a nuca. De vez em quando ele parava para olhá-la, estudando-a com a sugestão de um sorriso, fazendo-a pensar na fala de Ofélia em *Hamlet*: “Fitou-me o rosto como se quisesse desenhá-lo.” Então ele a beijava de novo. Pensar que Luke gostava dela a esse ponto a fazia se sentir radiante.

Depois de um tempo ele se afastou e soltou um suspiro pesado.

– Não consigo imaginar como as pessoas casadas podem se sentir entediadas – disse. – Elas não precisam parar nunca.

Elspeth gostou dessa menção ao casamento.

– Os filhos os fazem parar, acho – comentou, rindo.

– Você quer ter filhos, algum dia?

Elspeth sentiu a respiração acelerar. O que ele estava perguntando?

– Claro que quero.

– Eu gostaria de ter quatro.

Como seus pais.

– Meninos ou meninas?

– Os dois.

Houve uma pausa. Elspeth sentiu medo de dizer qualquer coisa. O silêncio se estendeu até que ele se virou para ela, sério.

– O que você acharia disso? De ter quatro filhos?

Era a deixa que ela estava esperando. Deu um sorriso feliz.

– Se fossem seus, eu adoraria.

Ele a beijou de novo.

Logo ficou frio demais para continuarem ali, e com relutância voltaram ao alojamento de Radcliffe.

Enquanto passavam pela Harvard Square, alguém acenou para os dois da calçada.

– Aquele é o Anthony? – perguntou Luke, incrédulo.

Era, Elspeth viu. Billie estava com ele.

Luke parou e Anthony veio até a janela.

– Que bom que encontrei você – disse ele. – Preciso de um favor.

Billie ficou atrás de Anthony, tremendo no ar frio da noite, parecendo furiosa.

– O que vocês estão fazendo aqui? – perguntou Elspeth a Anthony.

– Houve uma confusão. Meus amigos em Fenway foram passar o fim de semana fora. Devem ter confundido as datas. Billie não tem aonde ir.

Billie tinha mentido sobre onde iria passar a noite, lembrou Elspeth. Agora não podia voltar ao alojamento sem revelar a farsa.

– Eu a levei até a Casa. – Ele estava se referindo à Cambridge House, onde morava com Luke. Os alojamentos masculinos de Harvard eram conhecidos como “Casas”. – Achei que ela poderia dormir no nosso quarto e que Luke e eu poderíamos passar a noite na biblioteca.

– Você está louco – retrucou Elspeth.

– Isso já foi feito antes – explicou Luke. – O que deu errado?

– Fomos vistos.

– Ah, não! – exclamou Elspeth.

Uma moça ser encontrada no quarto de um rapaz era um delito grave, especialmente à noite. Os dois podiam ser expulsos da universidade.

– Quem viu vocês? – perguntou Luke.

– Geoff Pidgeon e um monte de outros.

– Bom, Geoff não vai dizer nada, mas quem estava com ele?

– Não sei direito. Estava meio escuro e todos estavam bêbados. Vou falar com eles de manhã.

Luke assentiu.

– O que vocês vão fazer agora?

– Billie tem um primo que mora em Newport, em Rhode Island. Você poderia levá-la até lá?

– O quê? – falou Elspeth. – Fica a 80 quilômetros daqui!

– Vai demorar uma ou duas horas – retrucou Anthony, com desdém. – O que me diz, Luke?

– Claro – respondeu ele.

Elspeth já sabia que ele concordaria. Era questão de honra ajudar um amigo, independentemente da inconveniência. Mesmo assim ficou com raiva.

– Ei, obrigado – disse Anthony com um ar despreocupado.

– Sem problema. Bom, há um problema na verdade. Este carro é de dois lugares. Elspeth abriu a porta e saiu.

– Fique à vontade – falou, emburrada.

Sentia vergonha de si mesma por ser tão ciumenta. Luke estava certo em ajudar

um amigo encrencado. Mas ela odiava a ideia de ele passar duas horas naquele carrinho com a sensual Billie Josephson.

Luke percebeu o desagrado dela e disse:

– Elspeth, volte aqui. Primeiro vou levar você em casa.

Ela tentou ser delicada:

– Não precisa. Anthony pode me acompanhar até o alojamento. E Billie parece prestes a morrer congelada.

– Se você tem certeza, tudo bem – disse Luke.

Elspeth desejou que ele não tivesse concordado tão depressa.

Billie deu um beijo no rosto de Elspeth.

– Não sei como agradecer. – Então entrou no carro e fechou a porta sem se despedir de Anthony.

Luke acenou e partiu.

Anthony e Elspeth ficaram parados olhando o carro se afastar no escuro.

– Droga – disse Elspeth.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

